**RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA TURMA DE EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE DIZEM AS CRIANÇAS?**

Gustavo Pinto Alves da Silva

 Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

O objetivo deste estudo é empreender uma escuta ativa do que as crianças da educação infantil, com idades entre 04 e 05 anos, que participam das atividades oferecidas pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros- NEAB AYÓ da Escola Municipal Clementino Fraga, localizada na zona oeste do Rio de Janeiro, expressam ao refletirem sobre as relações étnico-raciais. A partir de estudos sócio antropológicos com as infâncias, dialogamos com as crianças a respeito da agência. O estudo foi realizado com ênfase na etnografia, reconhecendo as crianças como sujeitas e não como objetos de estudo, devido à crença de que elas se comunicam de forma ativa com adultos, outras crianças e o mundo, sendo capazes de narrar suas próprias experiências.

**Palavras Chaves:**

Educação Infantil; Infâncias; Relações étnico-raciais; Lei 10.639/03.

A escola desempenha um papel essencial na socialização das crianças, permitindo que elas interajam com grupos de origens variadas, costumes distintos, culturas diversas e perspectivas de mundo que podem ser opostas às suas experiências familiares. Essa diversidade de interações pode levar a instituição a ser o cenário inicial de confrontos relacionados a questões raciais. Deste modo, como um espaço de promoção da cidadania, onde se busca formar indivíduos com pensamento crítico e promover a integração de diferentes culturas, é imprescindível que na escola não haja segregação, mas sim inclusão e respeito à pluralidade sócio-cultural. No ano de 2003, foi aprovada a lei 10.639/03, que estabelece a inclusão obrigatória do ensino sobre a História e Cultura Afro-brasileira e Africana nos currículos da educação básica, tanto nas escolas públicas quanto privadas em todo o Brasil. Em 2008, essa lei passou por alterações, tornando-se a 11.645/08 e incluindo também o ensino sobre as Histórias e Cultura Indígenas. Paralelamente, surgiram as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana em 2004. Esse contexto tem impulsionado um amplo debate em torno da necessidade de uma educação focada nas relações étnico-raciais, conforme evidenciam as pesquisas de Munanga (2008), Cavalleiro (2001), Silva (2011) e outros estudiosos. A partir de conflitos que atrapalhavam a convivência respeitosa em um ambiente harmonioso e de luta contra o racismo, surgiu em abril de 2015 o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros - NEAB AYÓ da Escola Municipal Clementino Fraga. Desde então, o NEAB AYÓ tem se dedicado a introduzir as crianças a uma nova epistemologia que objetiva valorizar, reconhecer e resgatar as diversas identidades que compõem a sociedade brasileira, especialmente a negra. O objetivo é fomentar o respeito pela diversidade e erradicar manifestações preconceituosas no dia a dia escolar, visando à igualdade e equidade. É importante ressaltar que este é o primeiro núcleo de estudos Afro-brasileiros estabelecido em uma escola de Ensino Fundamental – Anos Iniciais, englobando os alunos e professores da educação infantil até o 5º ano, da rede municipal de ensino, sendo reconhecido pela Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN) e fazendo parte do Consórcio Nacional de Grupos de Estudos Afro-Brasileiros (CONNEABS), como mencionado na dissertação de mestrado intitulada Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB) AYÓ: Uma Experiência em uma escola da rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro, defendida em 2018 na Faculdade de Educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) pelo autor. Esse estudo posteriormente evoluiu para uma tese de doutorado. O NEAB procura atuar a partir da criação conjunta de medidas e ações no ambiente escolar que incentivem a igualdade racial, a erradicação da discriminação na escola e o envolvimento dos professores nas atividades relacionadas ao ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana – auxiliando na escolha de conteúdos/atividades/procedimentos de ensino e aprendizagem. Desta forma, as iniciativas do núcleo de estudos têm ajudado na implementação da lei 10.639/03 (alterada pela lei 11.645/08) no currículo escolar, criando um espaço interdisciplinar para debater questões raciais na sociedade e na escola. No entanto, desde 2018, ao observar de perto a organização das atividades de rotina na educação infantil, percebeu-se como algumas crianças recém-chegadas na escola apresentam falas e atitudes/comportamentos racistas. Com o objetivo de promover a luta contra o racismo e valorizar a beleza negra nas turmas da educação infantil, o NEAB desenvolveu atividades semanais para este segmento. Foi através deste movimento, que a pesquisa buscou caminhar, a fim de compreender as manifestações das crianças a respeito das relações raciais, como elas se estabelecem criando redes de solidariedade, convivência e respeito. Inquirições vinculadas a primeira infância, integração social, preconceito racial e identidade despertam o interesse em investigar o modo como as crianças da educação infantil estão desenvolvendo sua identidade étnico-racial. Durante essa análise da educação infantil e dos episódios de racismo testemunhados, surgiram questionamentos pertinentes: Como as crianças negras são representadas na educação infantil dentro de seu grupo étnico-racial? Essas crianças possuem uma identidade étnico-racial e autoestima positiva? O que as abordagens educacionais oferecidas pelo NEAB da escola para a educação infantil revelam sobre as questões étnico-raciais? Um dos pontos de partida desse estudo está no reconhecimento das crianças como sujeitos. É importante enxergar a criança não como alguém que simplesmente reproduz o que projetamos ou direcionamos para ela, mas sim como agentes sociais que contribuem e participam ativamente da produção, mudança social e reflexão. Devemos reconhecer que as crianças têm muito a dizer sobre as relações étnico-raciais. O enfoque desta pesquisa está centrado na investigação da intervenção no âmbito educacional, mais especificamente nas questões que envolvem a construção da identidade étnico-racial no ambiente da educação infantil da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro. Nesse contexto, observa-se um vasto leque de oportunidades dentro do cotidiano escolar para experimentar abordagens pedagógicas distintas, visando estimular novos processos de ensino-aprendizagem ou "ensinagem", conforme indicado pelos paradigmas emergentes. Aspectos como os processos educacionais, a diversidade e a educação infantil são aspectos chave que direcionam o desenvolvimento dessa proposta. Esse breve estudo é parte de uma pesquisa de doutorado, que encontrasse em fase final de investigação, que tem como objetivo principal compreender como as crianças da educação infantil de 04 a 05 anos, que participam das atividades oferecidas pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros- NEAB AYÓ da Escola Municipal Clementino Fraga, nos tem a dizer quando olham para as relações étnico-racial. Segundo as pesquisas de Clarice Cohn (2005), Willian Corsaro (2011), Julie Delalande (2011) e Anete Abramowicz e Fabiana de Oliveira (2012), enfatiza-se que as crianças desempenham um papel ativo na construção da cultura, podendo oferecer valiosas perspectivas sobre diversos aspectos da vida em sociedade. De acordo com Cohn (2005), a distinção entre crianças e adultos não se baseia na quantidade de conhecimento, mas sim na qualidade; as crianças não sabem menos, apenas sabem de forma diferente. Nesse contexto, a pesquisa em questão propõe uma perspectiva etnográfica que possibilita que o pesquisador se envolva de maneira ativa na cultura alheia, assim como no ambiente social sendo explorado, participando, vivenciando e observando as diferentes facetas culturais e sociais do outro. Na pesquisa em questão, tenho procurado ouvir as crianças de forma tranquila, enfrentando o desafio de codificar as diversas formas de linguagem que utilizam para expressar suas emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e afins. Isso não se limita apenas à comunicação verbal, mas também inclui sua linguagem corporal, gestual, desenhos e brincadeiras. Este tem sido o principal desafio, uma vez que as variadas maneiras como as crianças se expressam - através de brincadeiras, jogos, risos, choros, afastamentos, aproximações, conflitos, gestos e palavras - podem indicar caminhos para que os pesquisadores compreendam as culturas infantis e a forma como elas se relacionam com o mundo. É fundamental estar receptivo para ouvir as crianças como agentes ativos e participativos.

Referências:

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. As relações étnico-raciais e a sociologia da infância no Brasil: alguns aportes In: BENTO, Maria Aparecida (Org). Educação infantil: igualdade racial e diversidade. São Paulo: CEERT, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Ministério da Educação/Secad. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica. 2004.

  \_\_\_\_\_\_\_. Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-raciais. Brasília-DF: 2006.

\_\_\_\_\_\_\_. Lei 10639 de 9 de janeiro de 2003.

CAVALLEIRO, E. Educação antirracista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In:  Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

COHN, Clarice. Antropologia da criança. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CORSARO, Willian .Sociologia da Infância. São Paulo: Artmed, 2011.

DELALANDE, Julie. As crianças na escola: pesquisas antropológicas. In: FILHO, Altino José Martins e PRADO, Patrícia Dias (Orgs.). Das pesquisas com crianças à complexidade da infância. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2011.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. . Belo Horizonte: Autêntica. . Acesso em: 13 maio 2024. , 2008.

SILVA, P. Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras. In: MUNANGA, K. (Org.). *Superando o racismo na escola* Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental, 2001.